

benjamin sanches

**o outro e outros contos**





benjamin sanches

o outro

e

outros contos

editora sergio cardoso  
manaus — 1963



maria madalena,

e minha eterna

amada eterna.

# *prefácio*

## **assis brasil**

*sem ser seu livro de estréia — já publicou um volume de poemas — o outro e outros contos integra benjamin sanches na última geração de contistas brasileiros, interessados por uma reforma do gênero.*

*benjamin sanches demonstra — e isto é essencial para o ficcionista — uma capacidade muito grande de pesquisa, e o conto para ele já não é apenas aquele pequeno espaço onde tem que narrar uma história. não trabalha simplesmente em função de um enredo, mas em função de uma forma. seus contos não se apóiam naquela linearidade acadêmica em que, forçosamente, iam dar num fim definitivo, que fazia desse tipo de criação um primo alim da novela e do romance.*

*padeceu, assim, o conto, durante muito tempo, mesmo com os clássicos no gênero, de uma espécie de raquitismo, pois sua autonomia estava apenas condicionada a um espaço material. quando a história se encompridava mais um pouco, o autor ou suposto crítico, torcia o nariz e diziam que aquilo já fugia aos limites do conto, etc.*

*a experiência tem demonstrado que o conto se autonomiza, como um tipo de expressão literária, à proporção que se desliga da narrativa episódica e do enredo armado e concatenado, sem que esse tipo de expressão perca suas características novelescas.*

## benjamin sanches

*benjamin sanches trabalha já o flagrante, ou um determinado acontecimento, em função de um núcleo ficcional, em que tudo gira em torno de uma unidade de expressão, num espaço formalmente condicionado a essa expressão.*

*sem se ater, exclusivamente, a uma temática regional, benjamin sanches enriquece seus trabalhos ao explorar o veio lendário e localista, com que subatancia seus contos com vigoroso sentido e gosto brasileiros. se assim age na maioria dos trabalhos, nem por isso sua linguagem se restringe aos modismos fotográficos e às transposições puramente fonéticas, de que ainda se valem alguns autores, pensando que só assumindo essa posição, estarão escrevendo legítimos livros regionais. benjamin sanches já adota uma linguagem literária, em que a cor local de uma fala recebe um tratamento mais de recriação do que de transposição.*

*todos os trabalhos de o outro e outros contos resolvem-se — ou o autor procura resolvê-los — em função de uma forma, em que prevalece mais o artista, o ficcionista, do que o simples escritor com seus malabarismos verbais.*

*quando temos salientado a renovação da ficção, por via de um menor interesse, por parte do ficcionista, em relação ao enredo e ao episódico, não advogamos o fato de que todo romance, novela e conto, onde não se concatena um enredo ou não se explora o episódico, seja forçosamente uma obra realizada. as experiências nesse campo mostram que uma literatura circunstancial e sem tradição, praticamente emperra diante da nova experiência, onde se requer maior poder inventivo e maior artesanato. já dentro de uma nova concepção artística, o escritor hoje não pode ser um improvisador ao toque de caixa de sua vocação. as erupções românticas já tiveram o seu fim. o artista tem que participar consciente de sua criação.*

*o outro e outros contos segue a boa trilha de alguns jovens contistas brasileiros, onde se assinala a seriedade de concepção e se registra mais um livro de nível no mercado editorial.*

nunca fez rês, não as estendeu para secar nem remendou as malhas rôtas pela mistura do sacudido dos peixes ou pelos dentes das piranhas que caem naquele sorvedouro. aquilo achava ser uma prática apoucada e cansativa. sempre deu preferência à bomba. com ela conseguia melhor pesca com menos tempo e trabalho. mas, uma coisa sempre acontece para quebrar as vantagens que se leva e muitas vêzes vem de um vazio onde acumulamos tôda a nossa vigi-  
lância. são as faces múltiplas da vida, cuja poeira de ouro é-nos uma constante ameaça.

logo que manobrou ao alcançar a embocadura, sentiu a pá do remo tornar-se mais pesada. faltavam-lhe as mãos e teve que curvar o peito para fixá-lo aos braços com mais segurança. deste modo conseguiu dominar a canoa que havia recuado, alguns palmos, empurrada na goela verde que espremia a água encapetada na inquietação de fugir ao apêrto. mais além, onde as margens distanciavam-se, as remadas voltaram ao leve compassado que agrada aos músculos e aos ouvidos que não ignoram o belo da música.

— não pensei que você fôsse tão nervoso — e voltando a cara para a pôpa, prosseguiu — em vez de me ajudar com as suas remadas, fincou a língua nessas rezas ensinadas pelo diabo. não sei para que você quer essas mãos.

uma resposta malcriada ameaçou formar-se na garganta do menino, mas desapareceu antes de tomar consistência. preferiu guardar silêncio embora o vermelho da sua cara dissesse que não gostou daquela grosseira recriminação.

o pôdre da madeira deixava o rio gargarejar no côncavo do casco, obrigando-os de quando em quando, a usar a cuia para lhe devolver a água que ameaçava atingir o estrado onde haviam depositado algumas bombas já preparadas e o restante da munição para a carga.

aquela ocupação retardava a viagem. seus olhos pincelaram o firmamento e, pela posição dos astros, viu que para atingir a entrada do lago antes da passagem do cardume, teria que acelerar as remadas que, agora, com impetuosidade, passaram a estraçalhar a lua que àquelas últimas horas noturnas, ainda teimava lambar o lôdo do remo.

três dias antes, quando com o auxílio de amigos, bebericava num boteco flutuante, afirmara com jactância que apesar de ter perdido as mãos, não abandonaria a pesca fácil da bomba, pois, habilmente arremessava-a do ângulo formado pela articulação do braço e ante-braço e, disso, se vangloriava constantemente. parecia-lhe, com aquilo, estar ajustando contas com o demônio. chegou mesmo a afirmar que se perdesse o que lhe sobrara dos membros superiores, passaria a utilizar os pés, sem contudo, abandonar aquela arriscada modalidade da profissão de matador de peixe. todos o ouviam com atenção e alguns chegavam ao

ponto de admirar aquela corajosa determinação, no entanto, sempre o aconselhavam que largasse aquela perigosa tarefa, embora os seus olhos miudos entonassem à atenção do grupo o ódio que lhe dera a trágica sorte, cuja lembrança, carregava em seus braços, naquela permanente visão da nítida forma do não aparecer.

remara mais de trinta quilômetros ao longo daquela noite branca de luar, e, no momento, deveria levar ao máximo a sua faculdade de atenção, no entanto, a lembrança daquelas imprecações traziam-no nervoso. parecia-lhe que aquelas palavras retornavam em forma de unhas desfiando os seus nervos, enquanto a neblina da madrugada gelava a sua pele.

— preparou o jereré? — perguntou ao menino.

— já. respondeu e inclinando a cabeça fez o sinal da cruz.

— então faça o favor de ficar direito e acabe com este mêdo bôsta.

sentado, como se achava, atirou a primeira bomba que explodiu em profundidade sem surtir o efeito desejado. mandou para a tona apenas um esboço da sua cólera. jerônimo impacientou-se. levanta-se e depois de encurtar o rastilho da segunda, encostou-o na brasa do cigarro que esmagava entre os lábios, mas, antes de arremessá-la, o petardo, na violência do seu furor cego, espedaça-lhe a cabeça e atira o seu corpo na água, que depois de mostrar o seu sangue, julgara tê-lo escondido para sempre. o estampido depois de haver rolado pelo

benjamin sanches

verde da folhagem, espantando as aves, perdeu-se na crista daquela região quase deserta.

o imaterial de jerônimo acaçapou-se na proa envólto em maciça fumaça que foi crescendo para os lados e para cima até se tornar transparente, tirando-o daquele esconderijo sem o deixar sentir que não era alguém. mesmo desagregado do corpo não perdera a sua individualidade. no pensar existir passou a existir no pensar.

o menino que viajava na pôpa, foi precipitado pelo brusco deslocamento do ar e se não fôra isso, o susto o teria amarrado à canoa. estontecado, conseguiu alcançar a margem depois de varar a muito custo um espesso coágulo de folhagens. ainda apavorado ante o terrífico inesperado, subiu a pequena ladeira da margem, correu pela mata quase impenetrável até atingir esbofado o mais próximo barracão, que distava cêrca de quatro quilômetros. pela primeira vêz experimentara, em seu todo, o sentimento do medo. passados alguns minutos, livre da mudex do cansaço, mas ainda com a respiração irregular, esmiuçou a desgraça — isto mais cedo ou mais tarde teria que acontecer — quase que disseram em côro — nunca pensei que houvesse gente tão teimosa neste mundo — disse a negra isaura, esbugalhando os olhos ainda tufados de sono — e prosseguindo — era o último da tradicional familia dos martins e nunca quis se casar. teve uma vida cheia de nada e uma morte que ninguém perdeu ou tirou proveito dela — e encerrou — era um pobre diabo !



## AVISO

**DEVIDO AO TAMANHO ORIGINAL DO DOCUMENTO.  
NÃO FOI POSSÍVEL DISPONIBILIZAR O SEU CONTEÚDO  
NA ÍNTEGRA. PARA TER ACESSO AO ARQUIVO DIGITAL  
COMPLETO, POR FAVOR, ENTRAR EM CONTATO COM A  
GERÊNCIA DE ACERVOS DIGITAIS NO  
CENTRO CULTURAL DOS POVOS DA AMAZÔNIA.**

**FONE: (92) 2125-5330**

**FAX: (92) 2125-5301**

**EMAIL: [ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM](mailto:ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM)**



Secretaria de  
**Estado de Cultura**



**CENTRO CULTURAL DOS  
POVOS DA AMAZÔNIA**